

OCUPAÇÃO E CONSERVAÇÃO NO PANTANAL: CIÊNCIA E POLÍTICAS PÚBLICAS NO RECONHECIMENTO DAS COMUNIDADES TRADICIONAIS.

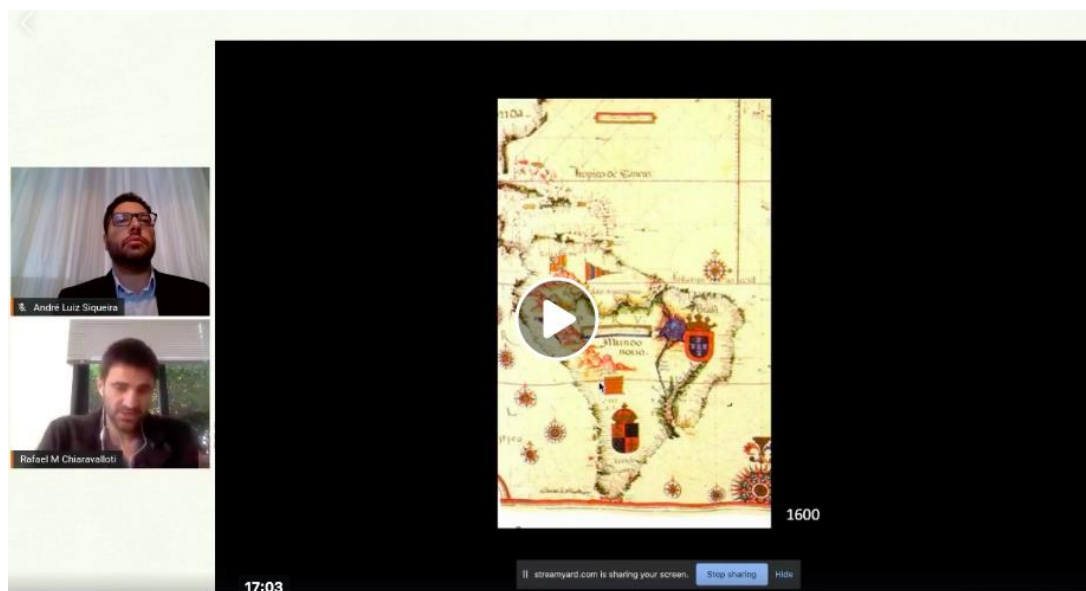
Documento baseado no evento on-line promovido por:

ECOIA – ECOLOGIA E AÇÃO, Projeto transfronteiriço ECCOS (Ecorregiões, Conectadas, Conservadas, Sustentáveis), que tem apoio da União Europeia, e pela Rede Pantanal e o Observatório do Pantanal.

Na semana em que se celebra o **Dia Mundial do Meio Ambiente**, 5 de junho, foram promovidos quatro encontros virtuais para tratar do **desmatamento, queimadas, crises ambientais** e a **agenda gênero e ambiente no Pantanal**. Os eventos foram conduzidos por especialistas nacionais e internacionais nos temas apresentados.

Debates urgentes em tempos de **COVID-19** e que foram repercutidos nas redes sociais de várias pessoas e organizações, a partir das transmissões ao-vivo realizadas pelo [Facebook da ECOA](#).

Para que possam ser sempre revisitados, devido à sua importância socioambiental, estes foram disponibilizados na íntegra das apresentações neste documento e também no [site da ECOA](#).



Live transmitida pelo Facebook da Ecoa em junho de 2020. Ocupação e conservação no Pantanal.

OCUPAÇÃO E CONSERVAÇÃO NO PANTANAL: CIÊNCIA E POLÍTICAS PÚBLICAS NO RECONHECIMENTO DAS COMUNIDADES TRADICIONAIS.

Debate promovido pela Ecoa, no dia em que celebrou seus 31 anos de história, pelo Projeto transfronteiriço [ECCOS](#) (Ecorregiões, Conectadas, Conservadas, Sustentáveis), que tem apoio da União Europeia, e pela Rede Pantanal e o Observatório do Pantanal.

CONDUZIDO POR

André Luiz Siqueira – Biólogo e Mestre em Estudos Fronteiriços pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), e Diretor Presidente da Ecoa. Atua nos temas de direito ao uso da terra, desenvolvimento integral de comunidades e conservação da biodiversidade no Pantanal. Coordenador, na porção brasileira, do projeto transfronteiriço ECCOS pela Ecoa.

Rafael Morais Chiaravalloti – Pesquisador do *Smithsonian Conservation Biology Institute*, do IPÊ – Instituto de Pesquisas Ecológicas, e Diretor Científico da Ecoa. Doutor em Antropologia pela Universidade Colégio de Londres.

*A apresentação realizada por **Rafael Morais Chiaravalloti** trouxe um panorama geral sobre a história do Pantanal e como a participação dos grupos e comunidades nas tomadas de decisões e na geração de dados são muito mais efetivos na conservação da biodiversidade.*

HISTÓRIA DO PANTANAL

“O Pantanal fazia parte do Império Espanhol pelo Tratado de Tordesilhas que dividiu a América em duas, mas o primeiro colonizador que chegou nestas terras foi o português Aleixo Garcia no começo dos anos 500. Ele estava tentando explorar a região e foi morto pelos índios paiaguás numa tentativa de impedir que o Pantanal virasse uma área de travessia para os colonizadores.

Mesmo com a morte de Aleixo Garcia, os espanhóis voltaram à região e fundaram, em 1536, a cidade de Porto dos Reis. Hoje ainda há pessoas que procuram essa cidade perdida.

Porto dos Reis foi a primeira cidade do Pantanal e chegou a ter por volta de 3 mil habitantes. Se ainda fosse uma cidade, seria a terceira cidade mais antiga do Brasil. Na época, ela se tornou um centro importante de recebimento de colonizadores. O governador da época, Cabeza de Vaca, foi preso e julgado. Dessa forma, a cidade foi abandonada.

O abandono também veio porque os espanhóis que ocuparam essa região ficaram cerca de 40 anos tentando usar o Pantanal como um caminho para atingir o Império Inca e também para achar a *Montanha Branca*, que pensavam ser no Pantanal, mas depois descobriram que era em Potosí, na Bolívia, mais à Oeste, e abandonaram a região.

Desde essa época, o Pantanal era visto como uma região com muita dificuldade, com as cheias impossibilitando a ocupação e bichos imensos. Muitos dizem que o realismo mágico capturado em *Cem Anos de Solidão* e *Amor Em Tempos de Cólera* iniciou-se nas descrições destes primeiros colonizadores.

Neste tempo, quem dominava os rios da região eram os índios paiaguás, pois eram também conhecidos como canoeiros. Os guaicurus dominavam a terra. Além dessas etnias, haviam outras como os guatós e os bororos.

Por cerca de cem anos, a região ficou esquecida pelos colonizadores, porque os espanhóis estavam explorando o Peru e Potosí.

Em 1717, os portugueses descobriram ouro em Cuiabá, no norte do Pantanal, e começaram a criar as Monções, expedições fluviais para a colonização da região Centro-Oeste. Os paulistas passavam pelo rio Tietê que corre para dentro da América do Sul, um dos poucos; chegavam no rio Taquari, passavam pelo Paraguai e voltavam para São Paulo com ouro e com alguns indígenas.

A partir disso, surgiram as primeiras fazendas no Pantanal. A primeira que se tem registro é de 1737, a fazenda Jacobina, em uma região do Mato Grosso. Embora respeitasse os limites do Brasil, seu fundador atravessou o rio Paraguai para expandir sua propriedade dentro do Império Espanhol.

Em meio a essas disputas por terras, em 1750, o Tratado de Madri definiu os limites do Império Espanhol e do Império Português. Importante ressaltar que a Espanha perdeu grande parte de seu território para Portugal.

O Pantanal começou seu período de ocupação no começo do século XVIII. Com a ocupação de colonizadores, começa o extermínio de indígenas como os paiaguás e os guaicurus. Neste período de colonização, foi fundado em 1775 o Forte Coimbra; e Vila de Nossa Senhora da Conceição de Albuquerque, em 1778, a primeira vila que

depois deu origem à Corumbá. Esses assentamentos dos portugueses foram criados para tentar subjugar os indígenas que anteriormente dominavam toda a região.

Essa guerra contra os índios foi chamada pelos portugueses de Guerra Justa e começou porque os paiaguás afundaram um barco português. A Guerra Justa tinha a chancela da Igreja Católica, que considerava que os índios não tinham alma.

Essa Guerra Justa foi empurrando os paiaguás para longe; eles ficaram restritos a uma região do Paraguai e, hoje, são considerados extintos; e os guaicurús foram se restringindo. Em 1793, os guaicurús assinaram um acordo de paz com os portugueses. O único grupo dos guaicurús que sobreviveu aos ataques foram os kadiwéu, esse acordo foi um símbolo da rendição dos guaicurús.

Dessa forma, o Pantanal começou a ficar completamente dominado no século XIX e cresceu o número de fazendas na região. Porém, em 1864, tem início a Guerra do Paraguai. Boa parte do gado das fazendas foi usado para alimentar o exército de ambos os lados.

Devido à invasão, o Paraguai passou por um período de bastante pobreza porque grande parte da sua força trabalhadora foi morta durante a Guerra. Fugindo de uma vida de miséria, muitos paraguaios migraram para o Pantanal. Neste mesmo período, com o fim da escravidão no Brasil e o fim da mineração na região de Cuiabá, Poconé e Cáceres, muitos negros também migraram para o Pantanal.

Boa parte dos indígenas estavam extintos, mas um grupo permaneceu na região: os guató. Os guató estavam localizados na região do Amolar na divisa com a Bolívia, no meio do Pantanal. Diferente de outros grupos indígenas, eles não viviam em vilas,

não havia um aldeia de grupos guatós. Na verdade, os guatós eram divididos em pequenos grupos familiares espalhados pela planície de inundação do Pantanal. Então, quando os portugueses vieram colonizando a região, eles não encontravam uma vila para destruir, mas sim grupos de famílias. Desse fato singular, pode-se destacar:

- As doenças eram o grande mal da colonização, matou muito mais índio do que as guerras diretas, mas elas não atingiram os guatós de maneira tão drástica como outros grupos indígenas, isso porque o isolamento das famílias os protegeu da pandemia trazida pelos portugueses.

- As guerras não eram diretas porque os grupos se deslocavam constantemente.

Atualmente, a região do Amolar conta com comunidades que têm uma identidade que remonta os guatós. Não podemos considerá-los o mesmo grupo que viveu há centenas de anos atrás, mas como um grupo que foi se misturando com pessoas que vieram de outras regiões e criaram o que chamamos de comunidade tradicional.

Essa comunidade se organiza de forma diferente. Elas estão espalhadas na beira do rio Paraguai em núcleos isolados, extremamente semelhante a como viviam os guatós no período anterior à colonização. Então, essa caracterização de comunidade tradicional é fundamental para entender que essas comunidades tenham seus direitos garantidos.

A LUTA PELOS DIREITOS DAS COMUNIDADES TRADICIONAIS NO PANTANAL

Em 1997, em uma viagem de reconhecimento da região por ONGs nacionais e internacionais foi o início da busca de direitos para as comunidades da Serra do Amolar.

Composto por ECOA, WWF, International Rivers, entre outras, o grupo passou pela Serra do Amolar em uma programação que percorria da cidade de Cáceres no estado do Mato Grosso a Porto Murtinho, já em Mato Grosso do Sul. Os pesquisadores avistaram famílias no que hoje é a comunidade da Barra do São Lourenço, saindo da margem direita do rio (atualmente RPPNs Penha e Acurizal), em pequenas embarcações.

Para entender os problemas da comunidade, foi desenvolvida a ferramenta Ciência Cidadã junto a University College London, para que os próprios moradores da região pudessem coletar dados sobre o uso de seu território.

*Por 1 ano, **Rafael Chiaravalloti** morou na Barra do São Lourenço para fazer esta pesquisa. O objetivo era entender de maneira científica quem eram as pessoas que moravam na região e se elas faziam uso sustentável da área. A pesquisa mostrou que a comunidade descende dos guatós com uma mistura de paraguaios e negros.*

A Ferramenta também permitiu delimitar o que era o território tradicional das comunidades, as áreas que elas usavam e os mecanismos que tinham para proteger o meio ambiente. Mais uma vez foi demonstrado que as comunidades têm um modo de vida sustentável.

No entanto, a ciência, embora seja importante, não consegue mudar o mundo por si mesma; ela não consegue sair de um artigo científico e fazer a mudança. É fundamental transformemos tudo que tentamos entender em política pública, e uma das maneiras de fazer isso é por meio das Organizações Não Governamentais.

RESERVA DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DA BARRA DO SÃO LOURENÇO

Desde 2007, a ECOA junto a outros órgãos e instituições atua para a criação de uma Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) na Barra do São Lourenço. Dessa forma, as comunidades tradicionais que lá vivem podem fazer uso sustentável da região sem serem expulsas.

Em 2018, essa ação foi impulsionada pelo Projeto ECCOS com apresentação de estudos técnicos de viabilidade, carta de apoio à criação da RDS assinada por mais de 50 instituições, órgãos e pesquisadores, além de conversas diretas com o Governo Federal, mas com o novo governo eleito em 2019, a agenda ficou bastante debilitada”.

AÇÕES DA ECOA NO PANTANAL E A COVID-19

André Luiz Siqueira faz uma breve apresentação sobre o trabalho que a organização, onde é diretor presidente, vem fazendo em tempos de COVID-19 e outras ações prévias que auxiliam na proteção das vidas no Pantanal.

“A ECOA vem atuando em outras frentes como a ampliação do direito coletivo da comunidade com entrega junto a Superintendência do Patrimônio da União no

Estado de Mato Grosso do Sul (SPU/MS) de TAUS (Termo de Autorização de Uso Sustentável) na região, garantindo o direito do território. Há uma proximidade também com o Ministério Público Federal em defesa destes grupos.

Atualmente no panorama da COVID-19, a ECOA tem feito uma incidência junto ao poder público para ações emergenciais para as populações mais vulneráveis do Pantanal; tem apoiado a Comitiva Esperança, uma iniciativa coletiva e voluntária para ajudar famílias do Pantanal e Cerrado. A Comitiva realiza campanhas para doações de alimentos, kits de higiene, entre outros, e promove a entrega destes itens básicos de sobrevivência às famílias.

A ECOA também acionou a Rede Clima para levar informações sobre a doença a estas comunidades isoladas por meio de mensagens de texto (SMS) e, também, através de 10 rádios que alcançam essas regiões, meios de comunicação essenciais, quando não principais, nas comunidades mais isoladas e sem acesso à internet”.

Este evento on-line está disponível em:

[Facebook ECOA](#)